

Pavilhões do Esquecimento II

Luisa Regina Pessoa

*"O homem é um animal capaz
de formular e de manter promessas"
Nietzsche*

Ficara muda por desejo. Havia cansado de falar...

Quase não me lembro mais de há quanto tempo estou aqui: sete, oito ou nove anos...

Lembro-me, entretanto, do dia em que resolvi emudecer. Faz quase três anos. Mais uma vez estava ouvindo a mulher que dormia ao meu lado direito, que falava e falava incessantemente; estava me contando, mais uma vez, sobre a televisão que iria ganhar no Natal da filha mais velha. Daquela que havia se casado com um vendedor, mudara para um município vizinho e estava bem de vida, tão bem que lhe daria um aparelho de TV no final do ano.

Muda eu estava e muda fiquei, sem conseguir emitir um som, um palpite, uma observação sequer que fosse, carinhosa ou sarcástica, falsa ou verdadeira, agressiva ou irônica.

Naquele momento percebi que o meu silêncio era uma forma de me manter viva....

Logo depois que me aposentei, há quase quinze anos, descobri que o mundo poderia ser muito pior do que já era. Além das noites vazias, passaria a ter a sensação, cada vez mais concreta, da solidão durante os dias.

As perspectivas de trabalhos avulsos, além daquele que fazia no cotidiano, foram diminuindo gradativamente, até não restar mais nenhuma ilusão de conseguir um dinheiro extra ou, o que não era menos importante, alguma ocupação que fizesse os dias passassem mais rápidos, pois já tinha a árdua tarefa de ocupar as minhas

noites solitárias naquele exíguo quarto de empregada onde vivia, de favor, na casa de uma sobrinha solteira que trabalhava na Caixa Econômica.

Convivi naquela casa por alguns anos. Tempo o bastante para apreender, através da observação da vida da minha sobrinha, como havia me transformado no ser solitário que era hoje.

Minha chegada àquela instituição foi inesquecível. O primeiro sinal de aproximação foi quando me deparei com aquele muro imenso, o grande muro que circunda o Abrigo.....

O muro, quase uma muralha, reforçava a impressão de segregação física.... Remetendo-me a imagens de espaços marginalizados pela sociedade: os presídios, os manicômios, os conventos religiosos.

O impacto visual reforçava a idéia de que eu estava morrendo para o mundo.....

Ao entrar na instituição, e percorrê-la, pude notar que a organização das construções do complexo asilar – em torno de um eixo monumental, concentrando os prédios nas cotas mais elevadas do pequeno morro central do terreno – acentuava o isolamento e a segregação dos internos, bem ao estilo autoritário da era Getulista.

A monumentalidade das construções que serviam de moradia, os pavilhões, apresentou-se aos meus olhos como grades espaços de dominação.....

A sobriedade das edificações, escuras e úmidas, aliadas à ausência de conservação, de limpeza e de manutenção fez com que se transformassem em locais bastante insalubres.

O interior do pavilhão onde moraria, para o resto da vida, era lúgubre e sombrio, com um odor forte de urina e de creolina que empestavam o ar denso e quente do local....

Havia umas quase 80 camas dispostas lado a lado, como se cada uma de nós devesse sentir o respirar da outra.

Mulheres velhas de todo o tipo circulavam pelo pavilhão. Algumas apenas dormiam, outras costuravam, mas todas com aquele ar de alma penada, de esquecidas do mundo.....

Duas delas me impressionaram à primeira vista e me impressionam até hoje: a primeira, uma mulher grande e gorda de vastos cabelos brancos, com uma cama impecável, armário, televisão, ventilador e uma infinidade de bonecas e bichinhos de pelúcia, além daquele ar infantilizado de quem não está mais nesse mundo; a outra, o seu oposto: magra, baixa, pequena, elétrica e falante, delimitou seu espaço com um barbante, construindo paredes imaginárias que a isolavam daquele circo dos horrores.

Aos poucos fui me conformando com o local e seus habitantes – internos e funcionários.

De início, a minha presença ali causava certo espanto; por vezes, algum desconforto, principalmente aos médicos, enfermeiros, assistentes sociais e outros profissionais da instituição, mas, com o passar dos meses, fomos nos acostumando uns com os outros.

Alguns deles, atentos ao meu hábito de ler jornal, revista ou qualquer coisa que caísse em minhas mãos, traziam velhos exemplares, já inúteis em suas casas ou consultórios, e eu me deleitava com as notícias do dia anterior, da semana anterior, do ano anterior, esquecida da existência de um mundo real lá fora.

Nesse último Natal ganhei de um médico – um pouco mais sensível que os demais – um livro: *O Mundo de Sofia*. Me fez lembrar dos tempos de sala de aula, dos tempos que lecionava, dos tempos que dava aulas de Filosofia no Pedro II